



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Thais Oliveira da Silva

**PADRÃO BRANCO DE BELEZA: CONSEQUÊNCIAS NA IDENTIDADE E
AUTOESTIMA DAS MULHERES NEGRAS.**

Rio de Janeiro

2022

THAIS OLIVEIRA DA SILVA

**PADRÃO BRANCO DE BELEZA: CONSEQUÊNCIAS NA IDENTIDADE E
AUTOESTIMA DAS MULHERES NEGRAS.**

**Monografia apresentado à Escola Politécnica de
Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo
Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito para
aprovação no Curso Técnico em Gerência em
Saúde.**

Orientador(a): Valéria Fernandes de Carvalho

Co- orientador(a): Anna Violeta Durão

Rio de Janeiro

2022

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, pois foi Ele quem me capacitou até aqui.

Agradeço a minha mãe Solange Gomes de Oliveira e meu pai Luiz Claudio da Silva, que sempre acreditaram e sempre me apoiaram, sendo minha base e meu alicerce.

Agradeço às minhas orientadoras Valéria Fernandes de Carvalho e Anna Violeta Durão, que foram essenciais na realização dessa pesquisa, me auxiliando em tudo o que eu precisava.

Agradeço a todos os meus amigos da EPSJV, que me acompanharam nesse projeto, especialmente a: Andressa, Giovanna, Thayná e Thyago.

Gostaria de agradecer a todos os meus professores que me forneceram diversos conhecimentos, não só de suas matérias, mas de conhecimento de mundo e um pensamento crítico.

Quero agradecer a EPSJV/ FIOCRUZ por me proporcionar essa experiência que vai me marcar para o resto da vida.

Por último quero agradecer a mim, pois tive coragem de expor minhas dificuldades e traumas nesse projeto, abordando de forma crítica um assunto que sempre esteve presente em minha vida, foi um processo desafiador, porém de muito aprendizado e amadurecimento, com o objetivo de atingir outras mulheres negras, para que elas não se sintam sozinhas nessa luta.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar de forma crítica o padrão branco de beleza que é imposto sobre as mulheres negras, e como ele interfere diretamente na identidade e autoestima delas. Para tanto, será analisada a construção histórica do padrão branco de beleza como universal, assim como os efeitos das diversas dimensões da violência racial, que derivam da imposição do padrão branco de beleza, na destruição da autoestima das mulheres negras, concluindo que o padrão branco de beleza influencia como elas se percebem no mundo.

Palavras-chave: Padrão; Beleza; racismo; autoestima; identidade negra.

SUMÁRIO:

1. INTRODUÇÃO -----	6
1.1. A construção e produção da universalização do padrão branco de beleza ----	8
2. A imposição do padrão branco de beleza e produção das diversas dimensões da violência racial. -----	14
2.1 Vicissitudes de ser negra: violências advindas da imposição e internalização do padrão branco de beleza. -----	22
3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	38
4. ANEXO -----	39

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objetivo analisar de forma crítica o padrão branco de beleza que é imposto às mulheres negras, e como ele interfere diretamente na identidade e autoestima delas. A escolha desta temática está relacionada com a minha história. Desde nova ouvi que meu cabelo e que meus traços fenotípicos não eram bonitos e, por conta disso, pela necessidade de ser aceita fiz o máximo para me parecer com o que para muitos era considerado "belo". Não me aceitava, e foi muito difícil e longo o processo até eu realmente me acolher como sou, para mim é um verdadeiro ato de luta sair com o meu cabelo black na rua, e me orgulhar por ser preta.

Falas como: "seu cabelo é duro", "ninguém nunca vai gostar de você", "dá pra varrer o chão com esse cabelo" - se fazem presentes no meu cotidiano em relação a minha aparência, e contribuíram para uma baixa autoestima e perda de identidade, pois eu buscava sempre me parecer com algo ou alguém que não me sentia representada.

Escolhi esse tema para mostrar para outras mulheres negras que elas não estão sozinhas e que o racismo não acabou, a cobrança e a imposição do padrão branco de beleza sobre as mulheres negras continuam "(...) hoje, embora a escravidão tenha cessado, seus rastros ainda se fazem presentes através do racismo e podem ser vistos nos padrões brancos de beleza, atravessando o modo como essas mulheres se percebem no mundo e constroem suas identidades (COSTA,2018,p 10). Considero que minha pesquisa pode influenciar outras mulheres negras a se aceitarem como são e a lutar contra esse padrão branco que a oprimem todos os dias.

A monografia está organizada em dois capítulos. No primeiro discorre sobre a construção e imposição do padrão branco de beleza como único e universal e; no segundo busquei compreender como o racismo opera nos diversos processos de internalização e imposição do padrão branco de beleza como universal, analisando – através do material coletado no trabalho de campo - os efeitos das diversas dimensões da violência racial, que derivam da imposição do padrão branco de beleza, na destruição da autoestima e do processo de construção e reconhecimento da identidade das mulheres negras.

A metodologia teve como base a abordagem qualitativa. Usei como estratégia de pesquisa o levantamento bibliográfico e aprofundamento teórico dos conceitos "padrão branco de beleza" e "consequências na identidade e autoestima das mulheres negras" a partir de artigos científicos e autores que utilizam o mesmo referencial teórico e metodológico que irá fundamentar este estudo,

por meio das bases de dados como Google acadêmico e Scielo. Realizei também trabalho de campo, através de questionário com perguntas semiestruturadas, com o foco de analisar as experiências de outras mulheres negras em relação às consequências do padrão branco de beleza para sua identidade e autoestima. Minha proposta de pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EPSJV-Fiocruz.

CAPÍTULO 1. A construção e imposição da universalização do padrão branco de beleza

O branco é o símbolo da divindade ou de Deus.
O negro é o símbolo do Espírito do mal e do demônio.
O branco é o símbolo da luz...
O negro é o símbolo das trevas, e as trevas exprimem simbolicamente o mal
O branco é o emblema da harmonia
O negro, o emblema do caos
O branco significa a beleza suprema
O negro a feiúra
O branco significa a perfeição
O negro significa o vício
O branco é o símbolo da inocência
O negro, da culpabilidade, do pecado ou da degradação moral
O branco, cor sublime, indica a felicidade
O negro, cor nefasta indica a tristeza
O combate do bem contra o mal é indicado simbolicamente pela oposição do negro colocado perto do branco
(COHEN apud, Santos, 2002, p.58)

Tudo que não é de aparência europeia é colocado como feio, anormal, mesmo após a escravidão ser rompida ainda há vestígios desses acontecimentos. A prática do racismo atualmente é muito camuflada e vista como "uma brincadeirinha", por parte significativa da sociedade. O que faz muitas pessoas acreditarem que não existe, porém conforme nos explica o ALMEIDA (2018) o racismo tem raízes profundas na sociedade, fazendo parte da sua constituição, ou seja, ele é estrutural. Nesse sentido, o autor define o racismo estrutural como:

[...] Uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional [...] Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que "ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição" (págs. 38 e 39).

A conquista da América criou uma economia mundial estruturada na invasão de territórios, exploração de recursos e escravização dos povos africanos e indígenas, para tanto e buscando se legitimar, e justificar a violência colonial, qualificou os povos escravizados como inferiores. Com o início da modernidade, os europeus se auto intitularam superiores e mais desenvolvidos, um sistema capitalista, patriarcal e racista foi instalado, e diante do mito criado pelos colonizadores, de que sua civilização seria a mais avançada - atribuíram-se a obrigação de desenvolver os povos qualificados como "atrasados". A invasão das Américas e do continente africano promoveu uma das maiores catástrofes demográficas, violências e crimes da história da humanidade, e para

naturalizar esse genocídio físico, ontológico, ético, epistêmico e cultural foi fundamental exterminar a humanidade dos colonizados.

Os europeus queriam que os povos dominados aderissem a sua forma de vida, pois eles colocaram a sua cultura como única, como padrão e modelo a ser seguido pelos demais povos. Universalidade na qual os africanos eram vistos como sem direitos, sem alma, e usados como objetos sexuais, seus modos de vida foram totalmente formulados pelos brancos europeus que inferiorizou suas histórias e sua cultura por conta de sua suposta inferioridade racial, com o objetivo de acumular capital e garantir seu projeto de dominação. Assim, como destacam Costa e Grosfoguel (2016, p.15) “o colonialismo foi a condição de formação não apenas da Europa, mas da própria modernidade”. De acordo com estes autores, sem colonialismo, o capitalismo seria inviável.

Deriva daí a centralidade do conceito de colonialidade do poder, entendido como a ideia de que a raça e racismo se constituem como princípios organizadores da acumulação de capital em escala mundial e das relações de poder (COSTA, GROSFUGUEL pag 17, 2016). Desse modo, os corpos, cultura e subjetividade dos colonizados foram mortos, maltratados, exterminados para a consolidação de capital, pois, como destacado, sem colonialidade não haveria capitalismo. Nesse contexto, construiu-se um imaginário do mundo moderno-colonial como forma de legitimar a dominação e a exploração dos povos colonizados. Nesse imaginário, os corpos dos homens e mulheres subalternizados foram vistos como sem alma, reduzidos a mercadoria e o corpo das mulheres como mero objeto de prazer.

A colonialidade de poder estabeleceu-se através da articulação de aspectos econômicos, políticos, sociais, simbólicos e subjetivos.

Uma das teorias que embasou a dominação dos povos africanos, no século XIX, foi a teoria do determinismo biológico. Os formuladores e adeptos dessa perspectiva acreditavam na relação intrínseca e determinista entre os caracteres biológicos, morais e intelectuais. Esse pensamento influenciou profundamente teorias racistas e eugênicas, como o darwinismo social que considerava que os seres humanos são, por natureza, desiguais, uns são superiores e outros inferiores. De acordo com tal perspectiva, a vida da sociedade, assim como entre os demais seres vivos, é uma luta, por isso é "normal" que os mais aptos vençam e os menos aptos fracassem. A teoria do criminoso “nato”, formulada por Cesare Lombroso¹, também foi um desses pensadores racistas que

¹ Cesare Lombroso (1835-1909) foi o médico psiquiatra responsável pelo surgimento do positivismo criminológico.

influenciam a sociedade até os dias de hoje, eles acreditavam que o ser humano já nasce criminoso, não é o meio que o torna, mas sua genética – a partir desta teoria, o biótipo do criminoso foi vinculado ao do povo negro.

As primeiras formulações acerca dos direitos universais evidenciam que os europeus pensam tais direitos somente para aqueles que têm fenótipos brancos. Eles queriam de qualquer forma ser nomeados como mais elevados, por isso criaram teorias e fizeram experimentos para mostrar que eram “superiores” aos demais povos.

Com a difusão do Darwinismo social e sua aplicação pelo mundo, a questão da raça ganhou mais força. De acordo com os princípios da evolução da espécie e da seleção natural, os darwinistas acreditavam em uma raça pura, superior, capaz e com o “dever” moral de eliminar as raças “mais fracas” e “menos inteligentes”, desenvolvendo, portanto, a Eugenia. Com o avanço da sociedade industrial, os povos que não estavam na mesma forma de desenvolvimento que os europeus eram vistos como inferiores. Por conta disso, foram ampliados os conceitos que buscavam justificar a suposta inferioridade do povo negro, por meio de explicações “ecológicas” devido à abundância e fartura de alimentos, o clima quente teria desenvolvido uma falta de inteligência. Além disso, tentaram comprovar essa suposta inferioridade, através do tamanho do crânio dos africanos e pelo seu desenvolvimento em sociedade. Os europeus acreditavam que os brancos eram os povos sábios, da tecnologia, um povo muito mais avançado em todos os sentidos e o povo negro era visto como “selvagens” e intelectualmente “menos capazes”, dessa forma, a África era vista como um continente amaldiçoado. “São brutos, sem razão, sem inteligência e sem experiência. Eles não têm absolutamente nenhuma noção do que quer que seja. Eles assim vivem como bestas, sem regras e sem leis” (COHEN apud, Santos,2002, p. 54).

Existia um entendimento da África como a terra da prática do pecado, a cultura desses povos era vista como sinônimo de maldade, por ser diferente da cultura europeia. Houve uma invisibilidade cultural entre os vários povos africanos. Até hoje muitas pessoas acreditam que a África é um país e não um continente.

As populações negras são vistas como desumanas. Os colonizadores acreditavam que nascer negro era um castigo de Deus, ou seja, se a pessoa nasceu preta a sua essência é má, tem propensão a cometer atos contra a lei e a ter pensamentos sujos. Enquanto o branco seria aquela dotada “naturalmente” de pureza, santidade, bondade. Nessa concepção, a população negra é vista e fixada como símbolo da feiúra e o branco de tudo que é belo e almejado como padrão. Até os

dias atuais esses pensamentos seguem vivos em nossa sociedade, o imaginário social acerca do bandido é construído e internalizado vinculado à pessoa negra, dessa forma quando uma pessoa branca comete um crime ouvimos frases como "nossa, ele nem tinha cara de bandido!", quer dizer que bandido tem um fenótipo pré determinado? Percebemos, dessa forma, como a perspectiva de Cesare Lombroso, por exemplo, ainda atravessam e estruturam nossas relações sociais, pois para parte significativa de nossa sociedade, a população negra e favelada é sinônimo de bandido, estuprador, propensa a cometer crimes.

Esse genocídio, apagamento, silenciamento ontológico, ético e epistemológico dos povos africanos, me levam a compreender que retomar o passado para entender o presente é de suma importância, pois nossa realidade não surgiu do acaso. Os documentos dos povos escravizados foram simplesmente queimados, diversas histórias apagadas por conta da colonização, e desde os descendentes dos africanos e indígenas lutam para reconstruir sua história, suas crenças, suas culturas e autoestima.

Cultura envolve não somente bens físicos produzidos por determinada sociedade, mas os modos de pensar, ser, agir, sentir, perceber e se perceber no mundo, os quais foram construídos historicamente. O ser humano está imerso na dimensão cultural e produzindo elementos desse meio. Dessa forma, podemos entender como a história do nosso país é atravessada pelo genocídio colonial, haja vista que o racismo é elemento estrutural e fundante da formação social brasileira, impregnado na nossa sociedade desde a colonização e dominação dos povos africanos e indígenas, gerando uma série de violências a esses povos que são refletidas no país até hoje (COSTA, 2018).

Conforme escrevi acima, as teorias racistas foram criadas, como o darwinismo social, que acreditava que os povos evoluem “naturalmente” de um estágio inferior para os estágios superiores e mais complexos (os europeus) que têm o “dever” de ocupar, dominar as culturas que são consideradas pelo eurocentrismo como mais inferiores, como por exemplo: as culturas afro diaspóricas e indígenas. Além disso, a ideologia do branqueamento, criada a partir da necessidade das classes dominantes definirem a identidade nacional brasileira diante de uma população significativamente negra e indígena, localizou nestas últimas o entrave para o processo civilizatório brasileiro, qualificando-as como sinônimo de coisa “ruim” e “inferioridade”.

Assim, o branqueamento nasce no medo do diferente, desse medo que está na essência do preconceito. Medo do negro que ocupava um grande número populacional no país que gerou uma política de imigração trazendo milhares de europeus. Havia uma expectativa do país tornar-se um

país branco, através da miscigenação e da assimilação racial (Bento, Carone, 2002, p.6). Por conta disso, vários europeus foram mandados para o Brasil com o objetivo de branquear a população.

Analisando o contexto histórico do Brasil é notório que não ocorreram muitas mudanças, as histórias continuam se repetindo. Após a abolição da escravatura, o governo não incluiu o povo negro, não se preocupou em criar meios para inseri-lo na sociedade, não houve nenhum tipo de políticas públicas, de reparação histórica. A desigualdade social que vivemos hoje é espelho do passado, para entender o hoje basta olhar para a história.

Esse referencial foi construído no Brasil durante séculos de dominação dos povos escravizados, no qual foi se construindo a ideologia do branqueamento, na qual a cultura ocidental branca é tida como universal. Ainda hoje, como esclarece Grada Kilomba (2020), o sujeito negro é levado a se identificar com os brancos, pois a imagem do negro foi construída como negativa. Nas palavras da autora:

Mesmo antes de uma criança negra ter lançado o olhar para uma pessoa branca, ela já foi bombardeada com a mensagem que a branquitude é tanto a norma quanto superior (...) Revistas, quadrinhos, filmes e televisão coagem a criança negra a se identificar com os outros brancos, mas não consigo mesma. A criança é forçada a criar uma relação alienada com a negritude, já que os heróis desses cenários são brancos e as personagens negras são personificações de fantasias brancas (p. 154).

A escravidão é um exemplo de como essa teoria foi internalizada, pois os europeus acreditavam que eram superiores aos negros e aos indígenas logo, acreditavam que podiam dominá-los, a fim de, supostamente, levar-lhes desenvolvimento e progresso para que alcancem estágios superiores de civilização. As teorias eugênicas visavam excluir elementos "indesejáveis" para o "melhoramento" do país.

O processo de formação da identidade nacional no Brasil recorreu aos métodos eugenistas, visando o embranquecimento da sociedade. Embora tenha fracassado em seu principal objetivo, essa ideia segundo Munanga, teria vingado por meio de mecanismos psicológicos, que permanecem intactos no consciente coletivo brasileiro rodando sempre nas cabeças de negros e mestiços que desejam ingressar um dia na identidade branca por julgarem superior (Costa, pag4 e 5, 2010).

As consequências das teorias racistas ainda se fazem presentes, pois muitos negros não se autodeclararam negros, pois sabem que ser branco no Brasil é sinônimo de superioridade. Ficam felizes quando ouvem “você não é tão preto”.

Após o período colonial, esses pensamentos racistas que colocam os africanos e seus descendentes como inferiores ainda estão presentes na nossa sociedade. Portanto, seus efeitos materiais, simbólicos e subjetivos ainda atravessam a nossa sociedade. O padrão branco de beleza

ainda é um imaginário dominante, assim, ainda nos dias atuais, os povos que não obtêm determinadas características fenotípicas são desumanizados, considerados menos capazes, menos inteligentes, imperfeitos, feios, e as diversas dimensões das violências que incidem sobre seus corpos são naturalizadas. A difusão e imposição do padrão de beleza branco produziram a internalização deste na subjetividade da população negra, produzindo o auto-ódio e a negação de sua identidade.

CAPÍTULO 2. A imposição do padrão branco de beleza e produção das diversas dimensões da violência racial.

“Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SANTOS, Neusa Santos Sousa, 1983, pág.46).

Define-se como padrão² aquilo que serve para ser imitado como modelo, protótipo. O modelo atual de beleza é totalmente eurocêntrico, colocando a mulher branca como o que é considerado “belo”. Logo, as mulheres que não se enquadram nesse padrão, como as mulheres negras, se frustram e perdem a sua identidade, pois fazem de tudo para estar no padrão de beleza imposto pela sociedade, buscando ser aceitas, reconhecidas e admiradas também. "Uma pessoa apenas se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela difere daquelas/es que tem o poder de se definir como ‘normal’" (KILOMBA,2019, p.121). Nessa perspectiva, segundo SANTOS (2002), para a população negra essa marca da diferença começa desde a infância, pois a sociedade fixa a afirmação de que negro é,

“(…) diferente, inferior e subalterno ao branco. Porque aqui a diferença não abriga qualquer vestígio de neutralidade e se define em relação a um outro, o branco, proprietário exclusivo do lugar de referência, a partir do qual o negro será definido e se autodefinirá” (pág. 56).

Dessa forma, ainda segundo essa autora “O negro ‘perde a cor’ e a ‘identidade negra’, para ganhar a ‘alma branca’ também definida pelo branco visando evitar a dor o negro desiste de defender a sua ‘verdade’ contra a ‘verdade’ da palavra branca” (SOUZA, 1983, pág.14).

O padrão de beleza exigido às mulheres socialmente e pela mídia busca modelar os seus corpos e mentes de acordo com uma definição do que é o belo. A procura por esse ideal de beleza tem gerado transtornos físicos como a bulimia, anorexia, e ainda transtornos psicológicos que acarreta a não aceitação do seu corpo e a baixa autoestima. Se de maneira geral esses transtornos atingem a maioria das mulheres, quando se foca os efeitos produzidos nas mulheres negras esse adquire um caráter ainda mais nefasto, na medida em que “é a autoridade branca que define o que é belo” e, muitas vezes, seja para afirmar-se, seja para negar-se, o negro toma o branco como referência (Souza, 1983, p. 29).

² Dicionário online de português, 2009. Disponível em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 31 de maio de 2021.

A falta de referências de pessoas negras³ na mídia colabora para a perda de identidade, pois as pessoas só querem ser parecidas com algo/ alguém que é considerada legal e bonito/a. A maioria das pessoas que aparece nos meios de comunicação são pessoas brancas, e quando aparecem atores e atrizes negra/os na televisão, na maioria das vezes estão fazendo papéis como escravizados, empregados, pobres ou bandidos, ou seja, desde sempre já inserem na cabeça das pessoas negras que esse é o lugar delas. Por conta disso, se coloca uma visão pessimista do/a negro/a, como se fosse uma coisa ruim ser negro/o. Logo, as maiores referências de personagens são os brancos, como a Barbie, Polly e a maioria das princesas. Não tem como querer ser parecido com algo que a pessoa não vê e é colocado como ruim.

"Os padrões defendidos pela mídia alcançam não apenas o nível individual, mas também o social no que diz respeito à convenção do que possa ser considerado 'normal/ belo e anormal/ feio' pelo coletivo que se torna então juíza da beleza estética" (COSTA, 2018, p 10).

Desde muito novas mulheres negras percebem que são diferentes das mulheres brancas, o tratamento não é igual, a forma de olhar é desigual. Desde um "seu cabelo é ruim", até uma porta de emprego fechada por conta da sua cor de pele. A relevância desse padrão na vida dessas mulheres é grande, pois quando uma pessoa cresce ouvindo que seu cabelo é ruim, seu nariz é feio, isso se torna uma "verdade" no seu subconsciente, levando-as de forma significativa a mudar seus traços, seu cabelo, sua identidade, atingindo diretamente a forma como ela se vê no espelho, pois está sempre tentando alcançar algo que ela não é - buscando sempre se adequar a esse padrão branco.

"É a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio nesta sociedade classista, em que os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. É ela que afirma: 'o negro é o outro do belo'. É essa mesma autoridade que conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros" (SANTOS, pág. 59).

Essa perspectiva se concretiza historicamente na naturalização e legitimação de violências de diversas dimensões na vida da população negra, e estão presentes até os dias atuais. Por exemplo, os cargos de chefia e poder, majoritariamente são ocupados por pessoas brancas. Quase não vemos negros em um grande cargo político ou em empresas, pois atualmente ainda existe esse imaginário

³ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pessoas negras são aquelas que se autodeclaram pardos e pretos.

que negros são incapazes e que brancos tem mais capacidade, mesmo que de forma implícita, a sociedade tem uma mentalidade colonizada sobre o negro, como inferior.

“A invisibilização do negro enquanto força produtiva passou necessariamente pela discriminação racial e pela branquitude, que administrou seu poder e seu lugar de classe, estabelecendo mecanismos para criar obstáculos ao acesso e à ascensão do negro na sociedade de classes” (SILVA, 2015 p.93).

Quanto mais assemelhado ao padrão branco, tanto estético quanto cultural, mais inserido na sociedade a população negra estaria. Logo, os negros com a pele mais escura, com cabelos mais crespos, com traços mais largos não vão estar encaixados na sociedade, pois estão longe do esperado como ideal. O modelo mais aproximado dos brancos seria os que têm a pele mais clara, cabelos mais alinhados e traços finos. As escravizadas eram escolhidas por conta da sua aparência, assim, quanto mais assemelhadas aos brancos, “melhor”.

"Os corpos de mulheres negras estiveram possivelmente atrelados tanto aos atributos que pudessem assegurar uma prole com maiores características europeias, como no caso das negas minas e fulas, não só pela cor de pele, mas também pela considerada proximidade cultural e disponibilidade de assujeitamento, enquanto as Negras de Guiné, Serra Leoa e Cabo, classificadas como más escravas". (SILVA, 2015, p. 112).

Assim sendo, atualmente as portas de muitos empregos são fechadas para muitas pessoas negras por conta de sua aparência, por não serem fisicamente parecidas com os brancos.

Tudo o que remete e lembra a cultura africana é retirado delas, como os dreads que muitas vezes é visto como algo sujo e feio e que precisa ser eliminado, o black que sempre é visto como “volumoso demais”, ou seja, para entrar no mercado de trabalho precisam estar o mais parecido possível do padrão branco, que é considerado o “adequado”. A fala que é dita muitas vezes na entrevista de emprego é que "o seu perfil não se adéqua à cara da empresa", porém seria mais fácil falar e assumir que “por conta da sua cor, do seu cabelo você não vai ser contratado, pois preferimos pessoas brancas”.

De acordo com o G1, em 2020 foi feito um levantamento de que menos de 5% dos negros tem cargo de gerência ou diretoria, a maioria tem posições operacionais e técnicas. Isso só comprova que a sociedade tem um olhar sobre a população negra como inferior, desse modo, percebe-se que desde a colonização esse pensamento não mudou, pois até hoje essa população continua sendo discriminada pela sua capacidade, sua aparência. Ainda é relevante destacar que no pós-abolição não houve políticas públicas para inserir a referida população de forma digna na sociedade, por isso a situação que nos encontramos hoje é consequência de um passado de exclusão, isso é espelho da violência racial.

Quando nova, sempre prestei atenção nos comerciais de produtos de cabelo, nos quais sempre apareciam cabelos grandes, lisos, que se movimentam ao vento, ou seja, nunca nenhum deles era parecido com o meu. O que colaborou para a imagem de que meu cabelo não era bonito. A frase do comercial era sempre a mesma "use o produto tal que assim você terá o cabelo igual ao meu" e logo depois vinha a decepção, pois pedia para minha mãe comprar o produto e o meu cabelo continuava o mesmo. Logo, é notória a influência da mídia na minha identidade como mulher negra.

A afirmação supostamente científica acerca da qualificação de um fenótipo como “inferior” abriu amplo espaço para que o mercado de beleza investisse na modificação da pele e cabelos, colocando o padrão da mulher branca como referencial e reforçando a desconstrução da identidade da mulher negra e a busca permanente desta para se enquadrar e moldar no padrão de beleza universalizado e imposto como único (COSTA, 2018).

Com o mercado de beleza crescendo foram criados os alisantes e os clareadores de pele, à vista disso, as mulheres negras buscavam – e ainda buscam - se tornar “mais parecidas” com o que era considerado “belo”. Tal processo torna mais difícil e, por vezes, impede que as mulheres negras se aceitem do jeito que são, fazendo-as acreditar que o que sempre foi imposto como belo poderá ser alcançado por elas, desse modo suas identidades vão sendo abandonadas.

As falas racistas são naturalizadas e tratadas como "opiniões", criam e reproduzem estereótipos acerca das mulheres negras, negando as histórias e identidades destas, impondo-lhes um padrão de beleza para que sejam aceitas e reconhecidas, e conseqüentemente abalando sua autoestima, pois não conseguem se olhar no espelho e se sentir bem com o que veem, porque não é o que a sociedade idealiza como belo.

Conforme analisado no primeiro capítulo, o Brasil tem uma estrutura racista, no qual os brancos propagam o racismo e, por vezes, nem percebem, pois ele é feito inconscientemente. Por conta disso, hoje é naturalizado que a maioria da população negra resida em periferias e parte a elite brasileira seja constituída majoritariamente por pessoas brancas, da mesma forma se naturaliza a ideia de que quem serve é preto e quem é servido é branco. GONZALEZ (2020) nos ajuda a compreender a permanência dessa lógica colonial:

Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc, até à polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e do sobrado até aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o

mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (...) dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (...) No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões. A sistemática repressão policial, dado o seu caráter racista, tem por objetivo próximo a instauração da submissão psicológica através do medo. A longo prazo, o que se visa é o impedimento de qualquer forma de unidade do grupo dominado, mediante à utilização de todos os meios que perpetuem a sua divisão interna. Enquanto isso, o discurso dominante justifica a atuação desse aparelho repressivo, falando do de ordem e segurança sociais (Gonzalez, 1979c)”.(pág.231).

Historicamente no Brasil a população branca foi supervalorizada em relação à população negra, e isso ocorre no interior das classes sociais, tanto entre a classe trabalhadora quanto na classe dominante. A sociedade escravista ao transformar o africano em escravizado, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, o padrão de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (SOUZA,1983, pág. 19).

Dessa forma, a população negra acabou colocando o branco como referência, pois era a forma de escapar de si mesmo, porque ela percebia que o grupo ao qual ela pertencia era visto como negativo. O branco agiu com papel de autoritarismo e parte da população negra, dada a violência que incidia sobre ela, se submeteu a isso. Os serviços valorizados eram de branco e à população negra – dada a questão racial e à reprodução social do lugar desta população - foram destinados os serviços desvalorizados e precarizados, ou seja, os trabalhos que a elite branca não se acha digna de realizar.

Diante do imaginário social racista que prevalece em nossa sociedade, a população negra acaba tendo que se esforçar duas vezes mais que a população branca, pois o que faz nunca é suficiente e reconhecido pela sociedade. Muitas vezes, muitos integrantes da população negra fazem a mesma faculdade e são qualificados para atuarem no mesmo nível de trabalho que os brancos, porém mesmo assim tem grandes chances de não serem contratados, pois em um país racista a cor de pele pesa muito, sendo assim a população negra têm de fazer sempre além do necessário para mostrar a sua capacidade. Assim, a população negra teve/ tem que lutar para alcançar um padrão social respeitável, que seria o mesmo do branco. Lutando contra a maré da dominação racial, a população negra está ainda aos poucos tentando alcançar o lugar de igual para igual do branco.

Em nosso país, negro é sinônimo de pobreza e miséria, negro só serve para trabalhar, negro não tem sentimento, só serve para cama. Por conta dessa visão racista em relação à pessoa negra, muitas famílias falam para seus filhos e suas filhas se relacionarem com pessoas brancas, porque acreditam que são mais responsáveis, pois branco é apresentado como sinônimo de coisa boa, de riqueza. Além disso, há famílias que querem clarear as próximas gerações, assim quando seus filhos e filhas começam a se relacionar, a primeira pergunta é sobre a cor da pele do namorado ou da namorada. “O figurino é branco, em seus diversos matizes. Aqui branco quer dizer aristocrata, elitista, letrado, bem sucedido. Noutro momento branco é rico, inteligente, poderoso. Sob quaisquer nuances, em qualquer circunstância, branco é o modelo a ser escolhido” (SOUZA, 1983, pág.34).

O negro sempre foi visto como diferente, como inferior e o branco como proprietário exclusivo da referência que deve ser seguida. Majoritariamente, grande parte da sociedade em todos os relacionamentos quer estar perto de pessoas brancas, acham as pessoas brancas mais atraentes, mais inteligentes. A sociedade de forma hegemônica acha que é normal um negro ser confundido de bandido porque está com um guarda-chuva na mão, a maioria das pessoas presas é negra, os que são mortos “acidentalmente”, durante as incursões policiais, são negros também. Estamos sempre associando coisas ruins a essas pessoas, dessa forma, a sociedade naturaliza a criminalização e genocídio da população negra.

Por conta de todas as violências subjetivas que sofrem desde pequenas, as pessoas negras estão o tempo todo querendo ser mais parecidas possíveis com o padrão de ser humano branco, pois elas internalizam e se olham com o olhar que a sociedade racista tem acerca delas. Quando rejeitamos a nós mesmos por sermos negros acabamos rejeitando aos outros de nossa própria raça. Dessa maneira, para se relacionar com branco pode ser qualquer um, mas um negro tem que ser perfeito, o mais bonito, o mais inteligente, ele tem que se destacar.

Muitas vezes nos colocamos como segunda opção, como “descartáveis” pelo motivo de querer se encaixar. Teve uma conhecida minha que é uma mulher negra e que se relacionava com uma pessoa branca, ele dizia que gostava dela, tratava ela bem, porém somente às escondidas, e pediu para que ela não contasse para ninguém que estavam juntos, ele fazia questão de falar isso. Ela era boa para ele só escondido, mas não para assumir, e ela estava feliz assim, porque ele tratava ela bem, e para ela era o suficiente, até um dia que ele não quis mais nada com ela, porém não havia passado nem um mês e ele já estava com outra, branca, é claro. Hoje ela não consegue se

relacionar com pessoas brancas, pois tem medo de ser rejeitada, não só pelo namorado, mas também pela família, pois em sua grande maioria é de pessoas brancas.

Os discursos discriminatórios foram criados a partir das características físicas de corpos negros, ou seja, raciais. Existe um preconceito determinado sobre a população negra que, independente da sua classe social ou intelectual, sua cor sempre se sobressair. Desde os tempos coloniais, a população negra foi colocada em trabalhos de base, manuais, pois sempre duvidaram de sua inteligência. Sempre foram vistos como feios, com cabelos descuidados. Desde então, eles sempre tiveram que se adequar ao que era mais bem visto pela sociedade.

Quando olho as fotos antigas das minhas tias e avós, todas elas estão usando cabelos alisados, pois antigamente usar seu cabelo crespo sem química era considerado “desarrumado”. Desde criança sempre fiz relaxamento no cabelo, o que era um processo muito dolorido, pois a química fere bastante o couro cabeludo, e toda vez que eu lavava o cabelo ardia bastante. Passava por isso de três em três meses, porque queria o cabelo o mais parecido possível das minhas amigas brancas. Não só eu passei por isso, muitas meninas negras passaram e ainda passam, por estarem em busca de se adequarem, de quererem se sentir e ser consideradas bonitas e com aparência “mais adequada” para ocuparem determinados lugares sociais. Esse é apenas um dos exemplos de violências que cometemos conosco para nos sentir muitas vezes inseridas na sociedade.

"A forma violenta e velada com que a discriminação racial e o racismo se impuseram na sociedade, tornou o branqueamento um processo praticamente inconsciente em que negros e negras, aprenderam desde muito pequenos os processos de rejeição de seus sinais diacríticos como afrodescendentes." (SILVA, 2015, p.31).

De modo geral, as características que são apreciadas nas mulheres são totalmente europeizadas como: traços finos, cabelos alinhados e de preferência com a pele clara. Para uma negra ser considerada bonita tem que estar mais parecida possível com o padrão de beleza europeu. Os negros e as negras tendem a levar a sua própria aparência como marca de inferioridade, consequentemente recusam a própria imagem e permanecem cativos a ideia de que realmente são inferiores.

Muitas garotas negras se submetem a relacionamentos abusivos, para se sentirem aceitas, ou por acreditarem que não são bonitas o suficiente, ou se hipersexualizam, pois acreditam que essa é a única forma de se sentir desejadas. Essa visão racista foi difundida por Gilberto Freire, em sua obra Casa Grande e Senzala, na qual este autor afirma que: “branca para casar, mulato para transar e preta para cozinhar”. Tal perspectiva já era praticada desde a escravidão, pois neste

período mulheres escravizadas foram estupradas para satisfazerem o seu senhor e eram vistas como objeto sexual. Davis (2016) chama atenção para outro aspecto dessa violência, “(...) o estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo desmoralizar seus companheiros” (pág. 36).

Essa hipersexualização das mulheres negras se mantém até os dias atuais. Assim, quando estão em um relacionamento, muitas vezes, vive ele nas escondidas e não são assumidas, são submetidas a namoros secretos, ou seja, “só servem para cama”, mas não para um relacionamento baseado no respeito, amor e na valorização.

A população negra passa historicamente por processos dolorosos para se encaixar no padrão de ser humano universalizado (ou seja, branco) e ser reconhecida. Pelo fato de colocar essa população como inferior, acaba por acreditar que esse é o seu lugar, muitas vezes um relacionamento abusivo, um emprego manual, uma classe baixa, pois desde a escravidão e até mesmo após a abolição nunca fizeram nada para nos inserir de forma digna na sociedade. Dessa forma, temos que nos esforçar muito mais que a população branca, sendo que, muitas vezes, os/as negros/as merecem mais, no entanto não ganhamos o crédito. Além disso, a meritocracia não existe, pois o Brasil é totalmente desigual, se esforçar muitas vezes não é sinônimo de vencer, ainda mais se for uma pessoa negra.

Conforme podemos verificar, as violências que incidem sobre a população negra são históricas, de diversas dimensões, se perpetuam e são produzidas e reproduzidas na atualidade. O racismo é algo entranhado nas raízes da formação social brasileira, e sua manutenção revela sua funcionalidade no processo histórico do poder (classista, racista, patriarcal e sexista) instituído em nosso país.

2.1 Vicissitudes de ser negra: violências advindas da imposição e internalização do padrão branco de beleza

Durante a pesquisa realizei trabalho de campo com o intuito de analisar como, ainda nos dias atuais, a imposição do padrão de beleza branca é um processo que violenta as mulheres negras, e produz nestas a autoviolência. Ou seja, além de serem violentadas, essas mulheres - ao internalizarem e reproduzirem o racismo - violentam-se para tentar ser reconhecidas, respeitadas, amadas, valorizadas e para terem o direito de ocupar lugares sociais que historicamente lhes foram

negados. E essas violências se reverberam nas dimensões físicas, psicológicas, emocionais e profissionais.

A coleta do material empírico foi realizada através da distribuição do formulário Google forms, para mulheres negras jovens, tanto da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz, quanto para algumas mulheres negras que fazem parte do meu círculo de relações. As questões tiveram como foco analisar, em diversos aspectos, o objetivo da proposta de pesquisa anunciada: as experiências das mulheres negras em relação às consequências do padrão branco de beleza para sua identidade e autoestima. Optei por apresentar a análise das respostas das entrevistas de acordo com as perguntas que fiz, pois considerei que esta seria a melhor metodologia para desenvolver minha escrita.

**Primeira questão:
“Você já sentiu vontade de não ser negra ? Por quê?”**

Das 33 entrevistadas, apenas oito responderam que não. No entanto, seis não justificaram sua resposta. Em relação às entrevistadas que justificaram a negativa na resposta: uma delas apesar de responder que “não”, disse que tinha vontade de casar com branco para ter filhos mais claros; e, a outra justificou dizendo que nunca se colocou esse questionamento por conta da indefinição da sociedade em relação a sua cor. Aqui chama atenção a atuação ainda marcante da política de embranquecimento, evidenciada na justificativa da primeira resposta negativa em relação à pergunta feita e da eficácia do mito da democracia racial na justificativa da negativa presente na segunda resposta, no sentido de que impede ou dificulta a pessoa de definir sua identidade como mulher negra.

Cerca de 72% das entrevistadas responderam que já sentiram vontade de não ser negra, as motivações para isso estão relacionadas: à não aceitação por ser negra; a não querer se encaixar na forma preconceituosa, nas ofensas e nos estereótipos atribuídos às pessoas negras; por não querer ser motivo de chacota e violências discursivas, chamadas de “piadas” por parte dos colegas; por não querer ser “diferente”; por não querer se preterida ; por não querer ser vista como “suspeita” e seguida nos espaços; por querer ser admirada e ser vista como uma pessoa bonita; por querer ter uma determinada profissão e achar que para isso não poderia ser negra; pelo sentimento de solidão e rejeição por conta da cor e traços fenotípicos; por ser vista como subalterna e menos interessante; por querer acessar os privilégios da branquitude.

O padrão de beleza na sociedade atual está a todo o momento colocando o branco como ideal a ser seguido, como um molde no qual todos/as devem se encaixar. A entrevistada 1 deixou isso explícito quando em seu relato disse “ como o padrão de beleza é ser branca, ter olhos azuis, cabelo liso e boca pequena, eu sendo literalmente ao contrário, com minha boca grande, meu nariz largo e meu cabelo crespo, não fui aceita e sofri/ sofro ainda com isso.”

Dessa forma, percebe-se que ela se sente inferior por não se adequar ao padrão imposto pela sociedade, que de forma implícita vai entrando em seu subconsciente fazendo-a acreditar que sua aparência é feia, ela se sente deslocada, pois não está dentro do molde “adequado“, que é a beleza branca, no qual as pessoas têm que estar dentro de determinados requisitos: ter traços finos, pele clara, cabelos alinhados, olhos claros..., o que como ela mesma disse, é totalmente ao contrário do que ela realmente é, conseqüentemente ela se auto nega, se auto rejeita, pois não é vista como bela.

Em relação a essa pergunta, a entrevistada 6 e a entrevistada 9, responderam, respectivamente:

“(…) quando criança sempre foi me apresentado o padrão de beleza como bonito: o branco, como mulheres, meninas e até nas bonecas. Por muito tempo eu acreditei que **ser negra era um castigo**” (grifos meus).

“Quando criança, sim. Sempre vi que as meninas brancas eram padronizadas como “mais bonitas”, então **isso acabou entrando na minha cabeça e me fazia odiar**” (grifos meus)

Verifica-se, nestas respostas, a prática do auto-ódio em relação a si mesma, visto que a entrevistada, por se perceber como pessoa negra não deseja ser quem é. A mesma se vê como castigada, como se ser negra fosse um fardo que ela irá carregar por toda a sua vida, pois o tipo de mulher que sempre lhe foi apresentada como referência, eram mulheres que não eram parecidas com ela: mulheres brancas. Estas, ao serem postas como centro na sociedade, produzem nas mulheres negras - que tem sua aparência totalmente diferente do que é exigido para ser respeitada e reconhecida - um sentimento de exclusão e de auto-ódio em relação a si mesmas. Por sentirem-se excluídas, não se sentem inseridas e desejadas, almejando muitas vezes ser branca, para assim desfrutarem de todos os privilégios e sentimentos de amor, afeto, admiração e respeito direcionados, majoritariamente, às mulheres brancas.

Sobre esse aspecto, algumas entrevistadas afirmaram que:

“(…) Eu sentia que nunca iria ser amada e aceita de verdade. Que seria mais fácil se fosse branca. Que seria escolhida” [entrevistada 15]

“(…) eu não me encaixa no corpo e na beleza dita como o padrão da sociedade. Este padrão é o Branco e tudo que remete a ele. **Corpos negros não são colocados em um lugar de Carinho, amor, desejo. São corpos inviabilizados e marginalizados**” (grifos meus) [entrevistada 13]

Outro aspecto que chama atenção ainda em relação a essa primeira pergunta é que parte significativa das entrevistadas afirmou que a negação de si mesma, por ser negra, iniciou-se ainda na infância, a partir das violências raciais sofridas. Afirmam que desde pequenas foram bombardeadas com comentários sobre sua aparência, ou seja, a criança tem seu círculo de relacionamentos muito limitados, resumindo aos ambientes familiares e escolares, logo esses comentários foram reproduzidos ou na escola ou até mesmo em suas próprias casas.

Em sua resposta a entrevistada 1 fala que:

“Sim, muitas vezes, principalmente na infância e durante a adolescência - com os racismos que eles diziam ser bullying- quando eu não entendia bem o que era racismo”.

A escrita desta entrevistada chama atenção para o efeito no processo de velamento do racismo. Apesar de ela ter essa consciência, o que prevalece em muitas violências raciais é o encobrimento dessas ao ser denominadas de outras formas – como bullying, por exemplo - descaracterizando e dificultando o enfrentamento à violência racial - fator muito difundido em nosso país, por conta do racismo mascarado e produzido pelo mito da democracia racial, como analisado no capítulo 1.

Conforme nos explica Silvio Almeida, o racismo é parte de um processo social que "ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição", ou seja, ele é estrutural, ele acontece nas entre linhas, é camuflado é visto sempre como uma brincadeira, como uma piada, é tão natural que nem percebemos, essas "opiniões" entram em nosso subconsciente nos fazendo sentir minimizadas, e fazendo destas uma verdade.

Essas violências raciais, expressas na linguagem, em muitas situações se iniciam no seio da própria família, nos discursos das pessoas que são nossas maiores e mais preciosas referências, quando ainda somos crianças.

“(…) quando eu era mais nova eu queria ter o cabelo liso pra ser bonita como as meninas da tv, assim como minha avó (branca) que sempre apontava coisas negativas em pessoas negras, então eu queria ser branca pra que eu não me encaixasse nas ofensas que minha avó falava, era sempre pras pessoas negras da TV, mas se eu sou negra como aquela pessoa, então as ofensas também me cabiam, então eu já quis não ser negra.”

A entrevistada 2 aborda que quando era mais nova sua avó apontava coisas negativas sobre pessoas negras, ou seja por conta de falas de um dos seus familiares ela auto se negou, pois quis deixar de ser negra, colando a "opinião" de sua avó acima de si mesma ao aceitar a fala da avó como uma verdade.

Desde a infância sentimos que existem diferenças raciais, diferenças entre brancos e negros, ligando-os a comentários positivos e negativos. Ocorrendo principalmente, como já mencionado nos ambientes escolares e familiares, nas brincadeiras, nos relacionamentos, nas escolhas de seus brinquedos, os/as pequenos/as aprendem a associar o negro como feio. Sendo assim, suas identidades e percepções sobre o mundo vão sendo construídas. Além disso, quando as crianças fazem comentários racistas, são o reflexo do que elas ouvem e o que é ensinado a elas em casa, pois as mesmas não nascem assim, elas não têm esses pensamentos: que o cabelo crespo e que os traços largos são feios - isso foi construído em sua mente, pois seus responsáveis, provavelmente, têm essas atitudes, eles foram educados assim, ou seja na verdade reproduzem o que aprendem com seus responsáveis.

Costa (2018) afirma que os padrões defendidos pela mídia alcançam o nível social, determinando o que é belo, o que é normal e anormal, definindo e naturalizando o lugar social dos grupos humanos.

“(...) quando eu era criança eu queria ser repórter, e achava que pra isso eu tinha que ser branca (porque era bastante comum ver no jornal nacional antes só William e a Fátima Bernardes)”.

O exame da percepção da entrevistada 7, revela exatamente a eficácia da mídia na produção e reforço do imaginário racista, no que diz respeito à população negra, ao reproduzir através de diversas estratégias e imagens, por uma lado a invisibilização positiva do povo negro e, por outro, a visibilização negativa do mesmo. Isso pode ser percebido nos papéis destinados aos atores e atrizes negras, estes atuam hegemonicamente como escravizados, faxineiras e em papéis que de menor destaque e prestígio - nos filmes e novelas. Isso produz e reforça no imaginário da sociedade, a naturalização de que esse é o lugar no qual o/a negro/a deve estar, que quem manda é o branco e quem obedece é o negro/negra, que estes não têm capacidade intelectual para ocupar determinados lugares de prestígio e reconhecimento, e essas ficções transbordam para as relações raciais em nossa sociedade, afetando profundamente a população negra, seus sonhos e perspectivas.

Existe um passado histórico relacionado com isso, pois desde a colonização o lugar do negro/a foi colocado abaixo do branco, como inferior, como alguém que não tinha capacidade

intelectual, por isso não poderia estar em lugares de chefia, de liderança, em altos cargos, sempre era posto/a para servir o branco, o negro era somente à sombra dele, sempre estava atrás. Nesse sentido, foram feitos projetos e desenvolvidas teorias supostamente científicas para tentar comprovar a inferioridade da população negra.

Silva (2015), afirma que a invisibilização do/a negro/a passou pela discriminação racial e pela branquitude, que administrou seu poder e seu lugar de classe, criando obstáculos aos acessos e acesso do/a negro/a na sociedade. A entrevistada acima evidencia como a falta de representatividade de pessoas negras na mídia, afetou suas escolhas profissionais, pois como ela mesma disse: só tinha jornalistas brancos, e por conta disso ela acreditava que esse não era o lugar dela, pois não tinha ninguém com a qual ela se identificava. Ou seja, para almejar uma profissão que tenha reconhecimento social tem que ser branco/a.

Segunda questão:

“Acreditava/ acredita que nunca iria ser amada por conta de sua aparência? Se sim, por quê?”

Das 33 entrevistadas, apenas nove falaram que não, porém apenas duas justificaram, uma delas respondeu que não por causa da aparência e sim pela cor, pois tinha medo de ser rejeitada, a outra respondeu que não, mas achava que nunca iria ficar com um cara muito bonito, pois eles sempre preferiam as brancas.

Vinte e quatro entrevistadas responderam que sim, que já acreditaram que nunca iriam ser amadas por conta de sua aparência, as motivações seriam porque a maioria de seus relacionamentos era mantido em sigilo, era clandestino ou não assumido por seus parceiros. Novamente aqui se percebe como a permanência e influência da máxima racista de Gilberto Freire: “*branca pra casar, mulata para trepar e negra para cozinhar*” ainda está entranhada na nossa realidade atual e afeta as relações afetivas das mulheres negras, produzindo a necessidade cada vez maior da reflexão acerca da solidão da mulher negra, e sobre como nossos afetos e amores são construções sociais atravessadas pelo racismo.

Em relação aos sentimentos expressos em relação às respostas a esta pergunta, destacam-se: mágoa, medo de ser rejeitada, bloqueio, não se sentir admirada e desejada, receio, baixa autoestima, exclusão, obstáculos, entre outros.

Nas experiências que tiveram destacam que se sentiam insuficientes e preteridas em relação às mulheres brancas – pois estas sempre eram escolhidas. Destacaram ainda, que eram hipersexualizadas, que seus traços fenotípicos eram relacionados à feiura, internalizando nelas a ideia de que: para serem amadas, elas teriam que embranquecer.

“Sim, eu acreditava nisso porque passei por momentos de ter paixões de adolescentes que **não eram correspondidos ou apenas eram relações mantidas em sigilo**, enquanto a pessoa que eu gostava acabava assumindo a pessoa branca, inclusive um menino falou que meus traços não eram tão bonitos quanto de uma outra menina na época (uma menina branca) e eu fiquei muito magoada por **achar que eu nunca seria suficientemente** bonita pra ser amada, principalmente por ter cabelo crespo e bem cheio.” [entrevistada 7]

“Sempre tive amigos meninos e via o padrão de meninas que eles queriam e eu não me enquadrava nesse padrão o que me fez pensar que pra ser amada ou minimamente desejável eu teria que ser como elas”. [entrevistada 15]

A percepção das entrevistadas, a partir das experiências vividas, é de que as mulheres brancas são vistas como mais bonitas, mais interessantes, como aquelas que merecem e devem ser mimadas, as que são mais desejadas, são vistas como a mulher ideal para ter uma relação assumida e viver pelo resto da vida, as que são para casar, para ter uma família; enquanto a mulher negra é hipersexualizada, é vista como “cupido” – como canal de comunicação para algum rapaz/homem chegar até a amiga/colega branca. Ou, conforme analisado mais acima, quando têm um relacionamento, são mantidos em sigilo, pois seus parceiros, geralmente, não querem assumi-las publicamente, haja vista que não são consideradas o tipo de mulher que a sociedade idealiza como digna de respeito e amor. Dessa forma, infere-se que as mulheres negras, são vistas com o mesmo olhar desde a escravidão, pois enquanto a sinhá (branca) é para casar, a escrava (negra) só serve como objeto sexual. A entrevistada 1 fala que foi rejeitada e logo após se afastar dela, o garoto que ela gostava assumiu uma pessoa branca, o que fez ela acreditar que era sua culpa, principalmente por conta do seu cabelo e seus traços, como se ela não merecesse estar naquele lugar de mulher amada.

“Sim, na real a todo o momento. É estranho se sentir bonita e até inteligente enquanto outros (homens) não me veem assim e isso gera a sensação que não serei suficiente para entrar num relacionamento sério ou ser realmente amada por algum companheiro.” [entrevistada 11]

“Sim. Porque eu achava que as pessoas só mimavam meninas brancas, e que meninos preferiam as meninas brancas (ainda acho isso)” [entrevistada 22]

Por conta do padrão branco, as mulheres negras não se sentem bonitas, suficientes, acham que a todo momento podem ser substituídas, pois a sociedade deixa explícito que as mulheres brancas são mais desejadas. Por conta dessa violência acaba sendo difícil para elas realmente acreditarem que podem ser amadas, pois foram excluídas, magoadas, por isso acabam criando uma barreira para entrarem em um relacionamento. Além disso, muitas vezes passam a acreditar que realmente seu lugar é o lugar de amante, que está bom do jeito que está, é escondido, mas pelo menos quando “ele está comigo”, “ele é carinhoso”, acabam achando que está bom porque sempre lhes foi dito que eram pouca coisa, que eram inferiores, por conta disso quando entram em um relacionamento muitas vezes abusivo acreditamos que aquilo seja amor.

“Sim, eu cresci em ambientes majoritariamente branco e ao observar o meu redor, não encontrava mulheres parecidas comigo (negras) em relacionamentos “explicitamente românticos” e devido também ao fato de ser constantemente preterida ou hipersexualizada” [entrevistada 11]

“Sim, porque quando eu era mais nova os meninos zoavam meu cabelo e meu nariz. Tanto que (infelizmente) já me sexualizei para ter “atenção”, e achava que isso traria “amor” para mim.”

As mulheres negras desde muito tempo vem sendo sexualizadas. Já que elas não são vistas como bonitas por conta de seus traços, seus cabelos que são totalmente ao contrário do padrão europeu, o seu corpo é, por isso muitas vezes elas se submetem a se sexualizarem para chamarem atenção para si, para serem notadas e reconhecidas, pois a sociedade só olha para os seus corpos.

Um desses exemplos é a globeleza que sempre era uma mulher negra de pele clara, nua, sambando em rede nacional e todo mundo achava aquilo incrível. Por que não escolheram uma mulher branca para fazer isso? Porque as mulheres brancas são vistas como cultas, mulheres do lar, esse não é o papel delas, e sim das negras que são vistas como objeto sexual. A entrevistada 17 – conforme destacado acima - fala que achava que para conseguir amor ela deveria se sexualizar, pois só assim ela conseguiria ser amada.

Sim, com certeza, eu não consigo acreditar quando alguém fala que gosta de mim, e quando isso acontece me afasto da pessoa, acho impossível que alguém seja capaz de gostar de mim”

“Por muitas vezes já acreditei nisso. O fato de não me sentir bonita pela minha cor de pele me fazia pensar que as pessoas não se apaixonariam por mim”

As afirmações das entrevistadas acima, revelam a profundidade da violência racial, nos afetos das mulheres negras, nas respostas delas, é possível perceber o seguinte questionamento: “como alguém pode se apaixonar por alguém como eu!?” Esse é o pensamento das entrevistadas 18 e 19, elas se sentem inferiores, há uma relação de auto-ódio, pois acreditam que por conta de suas aparências elas não teriam amor, não iriam ser desejadas por ninguém, pois isso foi lançado sobre elas, através de uma das violências raciais que as acometem e que as fez acreditar que eram inferiores e não mereciam o amor. Uma delas diz que acha impossível alguém gostar dela, ela se sente tão mal consigo mesma que se afasta da pessoa quando a pessoa demonstra afeto por ela.

A mensagem que essas respostas passam é que elas se sentem tão inferiores que ninguém deveria ter o castigo de se relacionar com elas, pois elas acreditam que não vai ser suficiente, como se estivesse “salvando” essa pessoa delas mesmas. Consequentemente é gerado nessas mulheres os sentimentos de: mágoa, medo, bloqueio, insuficiência, insegurança, receio, baixa auto estima e solidão.

Terceira questão: Você acha que mulheres brancas são vistas, por parte significativa da sociedade, como mais “bonitas”, que mulheres negras? Por quê? Como percebe isso?

Das 33 entrevistadas, apenas uma disse que não, porém não justificou sua resposta. A motivação dessas mulheres de achar que as brancas são vistas como mais bonitas é por conta do padrão branco de beleza, porque as negras na maioria das vezes não são escolhidas, há uma comparação negativa em relação a sua beleza, elas não se sentem desejadas, são hipersexualizadas, seus relacionamentos são mantidos no sigilo, as negras consideradas bonitas são as que estão mais perto do padrão branco, existe uma seletividade, um racismo disfarçado nos elogios, a mídia sempre coloca a branca como padrão, há uma falta de representatividade, as brancas têm mais espaço na sociedade, para elas serem consideradas bonitas devem embranquecer – aspectos percebidos e afirmados nas respostas anteriores.

“Sim, porque o demonstrado como bonito por muito tempo foi o padrão de pessoas brancas, então em todos os meios de comunicação era pessoas brancas que apresentavam, a moda era totalmente feita com modelos brancas de traços finos, entre os padrões a serem alcançados que eram/são esteticamente brancos (cabelo liso, olhos claros, traços afinado). Eu percebo isso primeiro nas relações do dia a dia, porque tudo o que aparece numa branca é aceito (tipo tranças que pra pessoas negras é sinônimo de sujeira, enquanto para brancos é um penteado elegante), também percebo nos olhares, porque meu grupo de amigas é de maioria branca e elas são olhadas como mais atraentes, enquanto eu e a outra integrante negra quase não somos vistas dessa mesma forma.”

A entrevistada 1 fala que nas relações do seu dia a dia, tudo o que aparece em uma branca é mais aceito, tudo nelas é visto como bonito, como por exemplo as tranças. Como antes já dito, somos fruto de uma miscigenação que começou na ideologia do branqueamento, que sua proposta era tornar a população mais branca, mas a miscigenação ocorreu também por meio dos estúproos que os senhores cometiam com as escravas. Tudo o que vem dos caucasianos é visto como bonito, fofinho, e o que vem da população negra é visto como sujo e inferior. Por conta do olhar que a sociedade tem sobre as mulheres negras, elas não são vistas como atraentes, entre escolher a branca ou a negra, os homens geralmente escolhem as mulheres brancas, pois está dentro do padrão estabelecido e imposto como bonito.

“Sim. Quando eu era pequena, eu via muitos elogios a pessoas brancas pelo cabelo mais liso e por parecer mais "uma princesinha", cresci num meio que repercutia esses pensamentos e isso me fez sentir diferente. Eu percebia que meninas negras não eram vistas da mesma forma que meninas brancas. Hoje em dia há muitas pessoas que trazem esse pensamento e muitas das vezes expressam eles de uma forma negativa, comparando a beleza branca com a negra. Porém acho também que as pessoas estão com uma mente mais aberta, principalmente as novas gerações, muitas meninas já se aceitam como são e se sentem bonitas e representadas em desenhos e filmes.” [entrevistada 2]

“Sim, pq a beleza delas é sempre exaltada, nós somos bonitas MAs se tivéssemos o cabelo liso seríamos mais etc...”. [entrevistada 27]

“Sim. Até tem inclusão de mulheres negras sendo consideradas “bonitas”, mas quase todas são de traços europeizados (Nariz afianado, cachos mais abertos, peles mais claras), mas na comparação de “bonita/feia”, na maior parte das vezes, quem ganha é a mulher branca. Sim, pq a beleza delas é sempre exaltada, nós somos bonitas MAs se tivéssemos o cabelo liso seríamos mais etc...”

Como antes mencionado, a ideologia do branqueamento tinha o foco de embranquecer a população negra, constituída majoritariamente por negros e indígenas. Os europeus acreditavam que eram superiores e que o país só iria desenvolver se a maioria da sua população fosse de pessoas brancas, por isso enviaram vários imigrantes para que houvesse uma miscigenação entre as raças, pois assim o Brasil iria atingir a tão sonhada modernidade e civilidade nos moldes europeus. Por conta disso, hoje a mulher negra para ser considerada bonita tem que estar o mais perto possível da beleza do branco, fazendo de tudo para se enquadrar nesse padrão como alisando, relaxando seu cabelo, fazendo procedimentos estéticos, para afinar seus traços e branqueando sua pele. Negando assim a sua verdadeira identidade - desde a colonização isso lhe foi imposto. Existe até certa inclusão de mulheres negras, mas como a entrevistada 9 disse, são as mulheres negras com traços fenotípicos mais próximos do padrão europeu, pois até mesmo dentro da cor negra existe uns que

sofrem mais preconceito, como os que tem a pele mais escura, cabelos mais crespos, enquanto os negros de pele mais clara e cachos mais soltos, ainda sofrem, porém bem menos, esse fator se chama colorismo.

Sim. O padrão de beleza não só feminino, mas também o masculino é baseado em pessoas brancas e por isso pessoas negras sempre são vistas como “feias” ou “beleza diferente”. [entrevistada 15]

“Sim, porque elas que são elogiadas de fato na maioria dos casos, a mulher negra é elogiada por educação ou com um racismo disfarçado, como: negra da pele quente ou até que é uma negra bonita. Pude perceber isso, no meu cotidiano, tanto com amigos e familiares.”

Existe nos elogios às pessoas negras, um racismo disfarçado, assim como a entrevistada 10 falou, um deles é chamar a nossa beleza de exótica. Essa palavra remete muito a uma beleza diferente, esquisita, e até mesmo animalização das mulheres negras, pois exótica é uma caracterização atribuída a animais de espécies e traços raros. Quando sou chamada desse jeito não considero como um elogio, pois as mulheres brancas não são elogiadas dessa forma, somente as negras. Ou quando as pessoas falam: “você é uma negra bonita!”, como se fosse difícil existir negras assim, ainda em relação a essa afirmação: por que quando uma pessoa quer elogiar uma mulher branca não diz: “nossa que branca linda!”? A mulher negra é detentora de uma beleza incomum. Quando as pessoas pegam sol e ficam coradas sempre falam que estão da cor do pecado, como se isso fosse um elogio, essa frase é extremamente racista, remetendo a cor preta com uma coisa ruim .

“Sim! Podemos ver nitidamente nas redes sociais. Um exemplo são as modelos de lojas de roupa, a maioria são mulheres brancas por ser mais "apresentável" ao ver da loja.” [entrevistada 16]

“sim, a idealização das brancas sempre foi presente na sociedade, em novelas, séries, nas quais sempre a personagem principal era uma mulher branca.” [entrevistada 20]

“Com certeza. Não existe representatividade negra nas passarelas de moda, nas novelas, filmes, livros, nunca uma mulher negra é uma protagonista.” [entrevistada 21]

“Acho que sim, vemos em muitos comerciais, a maioria das modelos/garotas propagandas são brancas ou no máximo morena”. [entrevistada 25]

Grande parte das entrevistadas abordou que a sociedade enxerga as mulheres brancas como mais bonitas que as mulheres negras, pois nos meios midiáticos e nas passarelas existe uma falta de representatividade. As modelos são vistas e escolhidas por conta de sua beleza, e se não existe

mulheres negras naquele lugar isso quer dizer que esse não é o espaço delas, que a beleza delas não é suficiente para estar ali. O concurso Miss Universo foi criado em 1952 e em todos esses anos apenas 5 mulheres negras ganharam, isso mostra o quanto a visão de inferioridade relacionados às pessoas negras continua, pois elas não são vistas como bonitas.

Quarta questão:

Você já teve vontade de alisar/ relaxar o cabelo porque as pessoas diziam que era “duro” ou “feio”?

Das 33 entrevistadas muitas já tiveram vontade de alisar ou relaxar o cabelo, por diversos motivos, entre eles: querer se parecer com a família branca, para abaixar o volume, por achar mais bonito, porque se sentia melhor com o cabelo alisado, por ouvir comentários que ele era duro. Algumas disseram que relaxavam, porque achavam mais bonito ou mais fácil de cuidar, mas por que elas pensavam assim? Com certeza alguém disse isso para elas.

“Sim. Quando era nova disse pra uma pessoa que queria ter filhas meninas e ela me perguntou se eu queria meninas pra terem o cabelo igual ao meu (que pra ela não era bonito). Alisei desde nova até os meus 9/10 anos (acho). Nesse processo de alisar já tive meu couro cabeludo queimado por ser nova demais e usar um produto forte demais. Parei de relaxar porque meu cabelo estava fraco demais e eu corria o risco de ter um corte químico, esse processo de transição não foi fácil porque as pessoas continuavam a criticar o meu cabelo mas continuei o processo e não me arrependo.”

As mulheres negras são tão cobradas para estar conforme os padrões de beleza branco, que muitas vezes nos submetemos a processos dolorosos para nos encaixar neles. A entrevistada 1 aborda que para alisar o cabelo, o seu couro cabeludo era queimado. Ela passou por esse processo ainda criança, quando sua cabeça ainda era muito sensível. Aqui podemos ver a influência dos responsáveis no processo de construção da identidade, pois uma criança não tem autonomia para tomar essas decisões. Ela foi submetida ao risco de ter um corte químico, que é uma quebra severa dos fios já na infância. A mesma relata que na transição, as pessoas continuavam a criticar o seu cabelo. Dessa forma, por conta dessas vivências - que a sociedade nos impõe - e, através da internalização dessas perspectivas racistas, acabamos praticando a autoviolência para nos sentir inseridas.

“Sim. Durante um bom tempo usei produtos químicos para não ter o cabelo volumoso e me sentir melhor com ele. Ainda hoje, após 3 anos sem química no cabelo as vezes sinto

vontade de usar produtos, já que não uso produtos faço tranças e isso ajuda na autoestima.” [entrevistada 14]

“Sim! E durante minha infância e adolescência eu alisava meu cabelo e quando consegui passar pela transição comecei a usar tranças e me senti mais uma vez refém, assim como eu era com a química, por perceber que eu era melhor aceita com elas”.

Uma das entrevistadas aborda que ela usa tranças acerca de 3 anos para aumentar a autoestima, o que dá a entender que somente com as tranças que ela consegue se ver como pessoa bonita, o seu relato é muito parecido com o da entrevistada 16, que em seu processo de transição acabou se tornando então dependente das tranças, o que não é muito diferente da chapinha, pois muitas vezes as mulheres negras alisam seus cabelos para esconder sua verdadeira identidade, e não somente por achar bonito.

Quinta questão:

Você já quis mudar seus traços porque outras pessoas diziam que era feio?

Das entrevistadas, nove disseram que nunca quiseram mudar seus traços. Entre as que responderam que “sim”, em sua maioria, as motivações eram por conta de comentários racistas.

“Sim, eu já tiver muita vontade de mudar meus traços, é patético dizer isso, mais eu Já tiver vontade de fazer cirurgia no rosto inteiro, só pra me senti aceita, principalmente minha boca e infelizmente não conseguir superar essa vontade de afinar minha boca, foram muitos anos ouvindo comentários cruéis sobre ela.” [entrevistada 3]

“Sim, tinha um menino que zoava meus traços (fazia bullying comigo) e ele caiu na minha sala do enem. Eu entrei em pânico porque eu tava passando pela transição, então, eu estava insegura. Tive uma crise e não consegui acabar a prova.” [entrevistada 4]

As mulheres negras sempre são bombardeadas com comentários acerca de sua aparência, como por exemplo, os seus traços. Uma das entrevistadas relata que tem vontade de fazer cirurgia em todo o seu rosto, percebe-se nessa afirmação a expressão do auto-ódio, pois ela não consegue se aceitar como uma mulher bonita. Houve tanta violência racial sobre ela, que a única forma no qual ela poderia se sentir aceita seria embranquecendo. Ela aborda que ouviu, durante quatro anos, comentários cruéis sobre a sua boca e que até hoje ela não conseguiu superar. A entrevistada 4 relatou que não conseguiu fazer a prova do ENEM, porque o menino que falava mal de seus traços caiu na mesma sala que ela, e por conta de estar passando pela transição e insegura acabou tendo uma crise e não conseguiu acabar. O que muitos dizem ser “mimimi”, para essas mulheres não é, pois esses comentários racistas se fizeram verdade em suas mentes, fazendo-as acreditar

que seus traços são realmente feios, pois tudo que remete aos corpos negros é visto dessa forma, enquanto aos caucasianos são vistos como bonitos. Como antes já dito por Santos (2002)

“É a autoridade da estética branca que define o belo e sua contraparte, o feio nesta sociedade classista, em que os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por brancos. É ela que afirma: ‘o negro é o outro do belo’. É essa mesma autoridade que conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros” (pág 59)

De 33 mulheres, 21 já quiseram mudar os seus traços, isso é mais que a metade delas.

“Sim, muitas vezes. Meu nariz, meu cabelo...sempre foi muito difícil aceitar a minha beleza.” [entrevistada 22]

“Sim, até hoje sinto inseguranças em relação a isso e até penso em mudar.”

[entrevistada 23]

Como antes já dito, o padrão branco de beleza tem o intuito de modelar os corpos, fazendo com que as pessoas que não se adequam a ele pratiquem a auto violência, negando quem realmente são, seus traços, seu cabelo e sua cor. O que essa sociedade racista espera é que as mulheres negras se submetam e se alinhem ao que é considerado belo, conseqüentemente elas irão sempre se ver como inferiores, como alguém que nunca vai ser suficiente, que nunca é boa o bastante, pois está sempre, tentando se inserir nessa sociedade totalmente racista.

Até hoje, por exemplo, ainda lutamos pela aceitação do black power, que graças ao movimento negro já é notório um grande avanço. O Black power não é somente um simples cabelo, é um sinônimo de resistência contra os padrões eurocêntricos e valorização da cultura negra, é sobre ir contra a opinião da maioria, é sobre voltar a sua identidade e suas raízes, é sobre aceitação. Um dos grupos que lutou pela aceitação do cabelo crespo foi o Partido dos Panteras Negras para a Autodefesa⁴, que teve como uma de suas integrantes Angela Davis - filósofa, escritora, professora e ativista estadunidense. Diante disso, entendo que o movimento negro é uma grande referência na luta contra o racismo, se unindo em forma de resistência pelos seus ideais, e alcançando diversas conquistas para esse povo que foi e é tão violentado

⁴ Criado na década de 1960 para enfrentar e combater a violência policial nos EUA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto teve como objetivo analisar as consequências do padrão branco de beleza e como ele interfere diretamente na identidade e autoestima das mulheres negras. No primeiro capítulo abordou sobre como a aparência dos povos negros é vista como inferior e o quanto o racismo no Brasil é totalmente velado.

Para entendermos, as expressões e concreticidade do racismo, assim como as profundas violências advindas do mesmo, na atualidade temos que estudar o passado, pois na época da colonização os europeus se auto intitulavam como superiores enquanto os demais grupos humanos eram qualificados como inferiores. Tal perspectiva objetivou justificar a exploração e violência sobre os povos negros e indígenas e, dessa forma, legitimar e garantir a acumulação de capital – objetivo central do modo de produção social capitalista, que se forja desde o período do colonialismo, daí concordarmos com a análise dos autores citados no primeiro capítulo de que sem colonialismo, o capitalismo seria inviável. Nesse percurso histórico, diversas teorias racistas foram formuladas, entre elas, a teoria do darwinismo social que considerava que os seres são por natureza desiguais, uns inferiores e outros superiores e a do criminoso nato que acreditava que a pessoa já nasce criminosa por meio da sua genética. Essas teorias foram a base de todo esse sistema racista. Além disso, para que o Brasil chegasse até a modernidade, diversos pensadores sociais brasileiros consideraram que seria necessário embranquecer a população, haja vista que esta era constituída majoritariamente por negros e indígenas, por isso foram enviados imigrantes para o Brasil com o intuito de miscigenar a população.

No segundo capítulo abordamos sobre como o padrão de beleza está presente em nossa sociedade, por meio da mídia, pois existe uma falta de referências de pessoas negras. As mulheres negras são submetidas a comparações, a comentários racistas, conseqüentemente buscando se adequar ao padrão de beleza branco. É notório que os cargos de poder e liderança são ocupados, em grande parte, por pessoas brancas, deixando claro que não há espaço para negros ali. Para ser aceito na sociedade é preciso estar o mais perto possível do padrão europeu, com cabelos alinhados, traços finos, pele clara, praticando até mesmo a auto violência para se sentir inserido na sociedade. O branco é visto como superior, um molde ao qual o negro deve seguir. As negras são vistas como objetos sexuais, pois isso vem desde a época da colonização, no qual as escravizadas eram hipersexualizadas e as sinhás eram vistas com as aptas a se tornarem esposas, até hoje isso se perpetua, pois grande parte dos relacionamentos dessas mulheres é mantida em sigilo.

A pesquisa desenvolvida permitiu analisar as diversas formas de violências produzidas pela sociedade na vida das mulheres negras, que é um processo que envolve o contexto histórico e cultural. Além disso, foi de grande importância notar as significações que eram dadas aos corpos negros, que sempre são vistos como feios. Eles estão o tempo todo sendo impostos a se adequar a esse padrão negando suas identidades. Logo, muitas mulheres praticam o auto ódio, auto violência, pois não tem vontade de ser negra, porque a sociedade sempre as intitularam como feia, podemos perceber isso em muitas respostas da entrevista, mulheres que desde nova foram atingidas pelo racismo, principalmente na escola, um racismo velado chamado de bullying, desde criança elas percebem que são diferentes das meninas brancas. Quando crescem são submetidas a relacionamentos no sigilo, no qual o seu companheiro não deseja assumi - la, ela só serve para um namoro as escondidas, logo sendo magoadas e conseqüentemente causando um bloqueio para se relacionarem com outras pessoas, pois se sentem insuficientes, que facilmente vão ser trocadas, ou que não são merecedoras do amor. Para se sentirem aceitas na sociedade, embranquecem para estarem conforme o padrão que é idealizado como belo, ou seja elas são totalmente ao contrário do que é dito como beleza e devem fazer o possível para se enquadrar.

Escolhi esse tema, pois ele fala de toda a minha trajetória até aqui, e o quanto as conseqüências do padrão branco influenciou as minhas decisões, seja na escolha de relaxar o cabelo, de me sentir inferior a mulheres brancas, a acreditar que não chegaria a certos lugares por ser uma menina negra, porque desde o ventre quando estava na barriga da minha mãe ela orou a Deus para que eu nascesse branca, ou seja desde de antes de eu nascer a branquitude já estava presente na minha vida, quando cresci comecei a me odiar, odiar meus traços e principalmente o meu cabelo que sempre foi muito alvo de preconceito, e muita violência, conseqüentemente relaxei meu cabelo por muitos anos para me sentir aceita, porém mesmo assim eu sempre senti que comigo era diferente e que era taxada como feia, a mais feia da turma sempre era eu, e as meninas brancas eram as mais bonitas.

Desse modo, o real intuito dessa pesquisa é mostrar para as jovens negras que não estão sozinhas nessa luta, que os seus traços, seu cabelo, sua cor são bonitos do jeito que são, e que nunca devem tomar decisões pelo que a sociedade racista espera delas, meu desejo é que elas aprendam a se amar, e que se reencontrem com a suas verdadeiras identidades. Espero que outras mulheres negras possam ler essa pesquisa e se sentir fortalecidas e empoderadas para lutarem contra o padrão branco de beleza que nos escraviza a muito tempo.

Quero agradecer primeiramente a Deus, pois sem Ele não teria chegado até aqui. Queria também agradecer às minhas orientadoras Valéria Carvalho e Anna Violeta, por toda a ajuda no desenvolver

da pesquisa, e por todo conhecimento até aqui adquirido, a minha família e amigos por todo apoio emocional, que foram fundamentais para a conclusão desse projeto.

Além disso, vale ressaltar a oportunidade que a Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, me proporcionou desde que entrei, com uma visão mais ampla sobre a vida, eu pude ver o mundo com outros olhos, fui ensinada a ter um pensamento crítico sobre a sociedade, com certeza tudo o que eu aprendi aqui vou levar para o resto da vida. Concluo esse projeto com o coração grato e de dever cumprido. Desse modo, agradeço a oportunidade de ingressar nesta escola e de ter concluído o ensino médio politécnico me formando em técnica de gestão em saúde.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio, **O que é racismo estrutural?**, Minas Gerais, letramento, 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva, In .CARONE, Iray.e BENTO, Maria Aparecida Silva. Psicologia social do racismo; estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil, 2002, Vozes, p. (25- 58)

COSTA, ANA. **Padrões de beleza e racismo na construção da identidade das mulheres negras.** São Luiz. 2018

COSTA, Joaze, Grosfoguel, Ramón, **Decolonialidade e perspectiva negra**, v.31, n.1, Brasília, 2016)

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016- 1ª edição.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: Rios, Flávia & Lima, Márcia (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada, **Memórias da Plantação**, Episódios de racismo cotidiano, 1. Editora Cobogó, 2008.

Menos de 5% dos trabalhadores negros têm cargos de gerência ou diretoria, aponta pesquisa. **GLOBO NOTÍCIAS**, Rio de Janeiro, 24 de set. de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/24/menos-de-5percent-dos-trabalhadores-negros-tem-cargos-de-gerencia-ou-diretoria-aponta-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 08/03/2022

SANTOS, Gislene, **A invenção do ser negro**, Rio de Janeiro, Pallas, 2002

SILVA, JOYCE. **Nós também somos belas**, A construção social do corpo e da beleza em mulheres negras, Rio de Janeiro. 2015.

SOUZA, Neuza, **Tornar - se negro**, 2.ed, Rio de Janeiro: Graal, 1983

ANEXO

Questões para os sujeitos da pesquisa.

1. Você já sentiu vontade de não ser negra? Por quê?
2. Acreditava / acredita que nunca iria ser amada por conta de sua aparência? Se sim, por quê ?
3. Você acha que mulheres brancas são vistas, por parte significativa da sociedade, como mais “bonitas” que mulheres negras? Por quê? Como percebe isso?
4. Você já teve vontade de alisar/ relaxar o cabelo porque as pessoas diziam que era “duro” ou “feio”?
5. Você já quis mudar seus traços por que outras pessoas diziam que era feio?